

ACONTECIMENTO, ENCONTRO, RELAÇÃO E EXPERIÊNCIA

*Algumas idéias iniciais e incompletas sobre o encontro com o
outro na pesquisa*

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão "nas nuvens"
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em***

www.apartilhadavida.com.br

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

O acontecer da pesquisa, ou a pesquisa como um acontecer

Estarei falando aqui a respeito da pesquisa atenta a uma pequena, mas muito importante fração do universo e da vida. Aquela em que habitamos de forma mais essencial e motivada. A dimensão do real que envolve os domínios da vida em que nos relacionamos umas com as outras, as pessoas humanas, em nossos mundos sociais e através de nossas culturas. Evoco alguns dilemas e caminhos da pesquisa humana e, portanto, social. Escrevo algo sobre o que imagino ser uma entre outras alternativas culturais de criação de conhecimento. Se nos parecer mais esclarecedor, podemos desdobrar o verbo “criar”, do substantivo “criação”, e dizer que estaremos dialogando sobre algumas modalidades partilhadas de: construir, gerar, produzir, revisar, criticar, rever, reconstruir, elaborar, descobrir, inventar, inventariar, aprender e compartilhar diferentes vocações e domínios de saberes. De conhecimentos que por se imaginarem sociais e científicos aspiram virem a ser compreensíveis, confiáveis, úteis, partilháveis e, se possível, inovadores. Conhecimentos e sistemas de conhecimentos que a história cultural das ciências demonstra serem quase sempre múltiplos (mesmo quando os seus autores os defendem como únicos), relativos (mesmo quando os seus autores os acreditam prioritários) e efêmeros (mesmo - ou principalmente - quando os seus autores desejam perenes).

Como algo que se passa em domínios do que acontece *com* e *entre* seres humanos, as pesquisas científicas tendem a ser, mas ainda do que as de outros domínios, alternativas de criação de conhecimentos abertas a diferentes e mesmo divergentes vocações de nossa capacidade de pensar e de compreender. Abertas, portanto, a desiguais leituras e interpretações, mesmo quando uma pesquisa ocorre dentro das fronteiras de um pequeno domínio da realidade social e do conhecimento. Como, por exemplo, a investigação de um campo cultural de reciprocidades de sentido e saber através de práticas de ensinar-aprender, a que damos o nome amplo de: educação.

Se nós dois – eu que agora escrevo isto, você eu me lê em um outro momento - estivéssemos envolvidos “lado a lado em”, ou “de um lado e do outro de”, uma pesquisa científica, de um modo ou de outro ela seria uma experiência de natureza interativa. Seria, então, uma investigação: *minha sobre eu mesmo; minha sobre você; minha sobre nós; minha sobre outros*. Ora, pensada em uma direção inversa desde o meu ponto de vista, ela poderia ser também uma pesquisa: *sua sobre*

você mesmo; sua sobre eu; sua sobre nós e; sua sobre outros. Tal como acontece com frequência hoje em dia, nós dois podemos unir as nossas intenções. Então, vivenciaríamos pesquisas como experiências: *nossas sobre eu, nossas sobre você, nossas sobre nós; nossas sobre outros.* E resta ainda uma outra variante. Pois se por um momento sairmos de *nós* mesmos em direção aos *outros*, encontraremos pesquisas de: *outros sobre eu; outros sobre você; outros sobre nós; outros sobre outros* (eles próprios ou outros *outros*).

As alternativas possíveis do que chamamos em geral de “pesquisa”, de “investigação científica” ou de que outro nome equivalente tenha, estão contidas em uma destas, ou entre essas direções interativas e sociais entre um “pólo” e o outro. Sabemos que muitas pesquisas envolvem relacionamentos interativos entre *eu e você; nós e os outros*, e assim por diante. Mas muitas outras investigações – as mais caras e complexas, em geral - são relações entre *eu, você, nós ou outros* de uma lado e, do outro, algo a que podemos dar os nomes genéricos de: *isto, isso.*

Isto ou isso podem ser: “o Universo”; “o planeta Terra”; “o Terceiro Mundo”; “A cobertura florestal da Amazônia Oriental”; “a fome no Nordeste do Brasil”; “a prostituição infantil em Fortaleza”; “a ecologia do Cerrado do Norte de Minas Gerais”; “o ipê amarelo”, “o ensino médio em São Luiz do Paraitinga”, a “biologia da capivara”; “a estrutura geológica do granito das Agulhas Negras”, com o que voltaríamos aos bichos e às pedras. Mas há momentos e há situações em que *isso* ou *isto* podem ser: *você, eu, nós* ou os *outros*. Seres humanos.

Toda a pesquisa científica carrega um dilema, estabelecer a sua vocação de realidade. Toda a pesquisa precisa responder a esta, entre outras perguntas: “o que é *isto* que eu tenho diante de mim?”. Ora, bem mais do que nos estudos de astrônomos, geólogos e biólogos, as pesquisas humanas e sociais enfrentam também um outro dilema. É que agora *isto* colocado diante de mim é um *outro* como *eu*. Posso até objetivamente representar que estou diante de “um dado”, ou frente a “um caso” entre tantos. Mas mesmo na aplicação rápida e até impessoal de um questionário, ou rosto como o meu me olha. Estou frente a ele e estou diante de uma outra pessoa.

Pensemos por um instante este dilema com imagens que geram idéias: fotografias, cenas de noticiários de televisão, antes de o pensarmos com idéias que geram imagens. *Diante da dor do outro.* Este foi o título escolhido para o último livro

que Susan Sontag escreveu¹. Estar frente a um outro. Sua foto, sua imagem virtual, mas o seu rosto que me vem, que me invade o olhar. Estou ali e vejo. Estou diante do outro: de uma fração de sua vida, de sua dor. O seu rosto me aparece em uma foto da revista que folheio, ou em alguns segundos na tela da TV. Seu rosto múltiplo entre tantos de um dia de minha vida. E, no entanto, agora um rosto único, singular ou plural, de uma pessoa, das pessoas de uma família, da pequena multidão de um povo. Os seus gestos capturados pela imagem fixa da foto, ou pelo filme em que se movem diante de mim. Eu os vejo e as suas faces de espanto, de dor, de angústia ou de esperança. De medo. Os gestos de quem foge ou não tem mais para onde fugir, e espera. O olhar de uma pesquisa às avessas, pois diante de mim é ele quem me lança o gesto que pergunta a resposta que ignoro ou que sei, e protegido pela distância geográfica e virtual que nos separa, eu me esquivo de dar. De tanto eu mesmo estar exposto a estar diante da dor do outro, aos poucos e contra os meus sentimentos originais e as minhas teorias eu me acostumo a ver o que logo esqueço. E cada vez ela, a imagem do outro, me diz menos idéias (e mais informações) e me lembra menos sentimentos.

Estou em minha casa depois de um dia de trabalho. Diante da tela acesa folheio uma revista e me entretenho. Por dois ou três minutos, o noticiário me coloca dentro do Oriente Médio e sou obrigado a ver rostos de dor e, de quando em quando, alguns corpos feridos ou aos pedaços. Olho e ouço, vejo e neste agora até me toco. Como? Até quando? Pois logo, dono de meus olhos e de meu desejo, desvio o olhar da tela à revista. E então folheio com vontade de estar distraído páginas em que, desde alguma ilha não muito longe do que acontece na tela, uma reportagem a cores encena praias quase virgens e fala sobre cenários de Paraíso. E a cena da guerra distante, ou as imagens de um desastre somem, e é a hora do recreio dos anúncios. A sucessão apressada e impessoal das cenas esquece em mim a imagem de alguns rostos que, sem saberem, me olharam por um instante.

Diante de um outro, o seu rosto, a sua dor. A imagem de um outro, uma pessoa. Mesmo sem a dor e o sofrimento, o que é estar colocado frente a um outro, e passar por ele com a indiferença moderada de quem sabe que precisa estar informado, sem necessariamente estar envolvido. Que o *outro*, distante ou próximo, por um momento venha a mim sem estar comigo, e sem me obrigar a outros gestos além destes: ver, perceber, saber, compreender, estar informado.

¹ Susan Sontag, *Diante da dor do outro*, Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

Bem mais do que o noticiário e do que a revista, a pesquisa abarca e dramatiza este dilema. De algum modo podemos imaginar que boa parte do que ela é, e boa parte do que fazemos ao vive-la, tem a ver com a maneira como aprendemos a lidar com este dilema. Em algumas situações e com fundamentos situados em boas idéias, a investigação científica pode esquecer que, mesmo entre pessoas, ela é apenas uma seqüência prevista de atos técnicos conduzidos por uma teoria sobre algo, e levada com critério e rigor a um teste empírico.

Sim. Mas de algum tempo para cá e com o desenvolvimento de alternativas de investigação científica que mais do que qualitativas (o teor e valor dos dados), são interativas (a qualidade da relação que gera o dado) e francamente *intersubjetivas* (reciprocidades entre pessoas-sujeitos postas em relação), começamos a aprender que a pesquisa não é uma *experiência*, a não ser quando muito redutiva e muito objetivamente experimental. Ela é. Ante de mais nada, um *acontecimento*.

Vou pesquisar algo junto a alguém. Tenho uma teoria (um ponto de partida); tenho um objetivo (um ponto de chegada); tenho um método (um caminho entre uma coisa e a outra). Mas eles me trouxeram “aqui”. E agora estou aqui e estou diante de alguém: um *outro* e, comigo, um *nós*. Diante *dele*, ou diante de *você*. Estou (estamos) ali (aqui), situados de um lado e do outro de meus propósitos, do meu tempo disponível, de minhas perguntas, meu roteiro de entrevistas, meu questionário, meu gravador minha máquina de fotografias, de minha filmadora, até. Por um momento, regido pelo dever de fazer algo produtivo com “isso tudo”, eu me iludo ao pensar que o *acontecimento* da pesquisa começa quando eu sair “daqui”. Quando longe de você a quem eu lancei minhas perguntas, entrevistei, gravei e fotografei, e me despedi, eu volto a um lugar de origem e ordeno os meus dados (a alquimia antes da mágica) e, depois, escrevo o meu texto (a mágica depois da alquimia).

Mas não. Pois a verdade pode estar no exato inverso. Antes e depois, quando estou de novo sozinho e estudo, planejo, revejo, ordeno e escrevo, talvez esteja então vivendo a seqüência prevista dos momentos da pesquisa como uma *experiência*. Mas diante de um *outro*, quem quer que ele seja, eu só posso estar vivendo um *acontecimento*. Aqui e agora a minha pesquisa é, por um momento que seja, nossa. E por ser uma forma de reciprocidade entre nós dois, entre você e eu, *acontece* como um *encontro*.

Tudo mais antecede ou sucede este momento único em que duas pessoas se olham, se falam, se sentem e se pensam, e imaginam que se entendem, intertrocando entre elas gestos do rosto, do corpo e do espírito. E de um lado e do

outro do que torna uma pesquisa viável e confiável, elas trocam entre palavras e silêncios, os seus seres, sentidos, sensibilidades, saberes e significados. Isto que às vezes reduzimos à categoria de “dados”. Mais ou menos como os turistas que vão munidos de máquinas digitais a um lugar único. E ali estão por dez minutos. E fotografam como quem só sabe ver através da máquina. E voltam dali com centenas de micro-imagens ávidas da tela de um computador. E retornam à casa sem terem parado com vagar uma vez para viverem a aventura do ver com os próprios olhos. Ver, simplesmente, por um breve momento mágico a maravilha da cena que se abre ali, real, “ao vivo e a cores” diante de seus olhos.

Toda a pesquisa quando envolve de um lado uma pessoa e, do outro, não uma pedra ou um animal, mas uma outra pessoa, enfrenta o dilema de transformar um *encontro* em uma *experiência*, ao invés de transformar um *encontro* em uma *relação*. Entre duas pessoas genuínas que não se querem encontrar como personagens de cenas escritas por outros para eles representarem um diante do outro, o único *encontro* realmente humano em sua plenitude é a *relação*. É a interação entre dois seres em que o outro não possui utilidade alguma para mim, na mesma medida em que em nada sou útil ou proveitoso para ele, a não ser na condição de sermos, em nós mesmos e um para o outro, apenas a pessoa que somos e que fazemos interagir com uma outra pessoa.

Em termos absolutos – porque depois deveremos descer ao que pode ser relativo entre eles – o oposto da *relação* em uma situação de *encontro* entre pessoas, não é propriamente o domínio ou a coação, mas a *experiência*. Pois *eu* deixo de me relacionar livre e intersubjetivamente com um *outro* de algum modo colocado diante de mim, quando o experimento, quando o experiencio. Quando eu o testo – e a mim mesmo - para saber, segundo os meus interesses, qual o teor de utilidade dele para comigo, logo, para mim, em meu proveito. Mesmo que de alguma maneira este proveito próprio seja estendido também a ele. Não é apenas porque o domino e por um momento defino o seu destino que eu o transformo em um objeto-para-mim, ao invés de conviver com ele como um sujeito-sem-si-mesmo, em uma interação intersubjetiva, uma *relação* entre dois sujeitos livres um para o outro. Eu lido com um sujeito tornado para mim um meu-objeto quando de algum modo estabeleço como fundamento de nosso *encontro* uma utilidade dele e nele, para mim.

Deixemos por um momento que Martin Buber, a quem estou lendo agora para escrever isto, nos fale com as suas próprias palavras.

O experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza “nele”, mas não entre ele e o mundo.

O mundo não toma parte da experiência.

Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, ele nada faz com isso e nada disso o atinge.

*

*O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio EU-**ISSO**. A palavra-princípio EU-TU fundamenta o mundo da relação².*

Eu não experiencio o homem a quem digo TU. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio. Somente quando saio daí posso experienciá-lo novamente. A experiência é o distanciamento do TU.

*A relação pode perdurar mesmo quando o homem a quem digo TU não o percebe em sua experiência, pois o TU é mais do que aquilo de que o **ISSO** possa estar ciente. O TU é mais operante e acontece-lhe mais do que aquilo que o **ISSO** possa saber. Aí não há lugar para fraudes: aqui se encontra o berço da verdadeira vida³.*

Em que e como em um lugar sem fraudes “se encontra o berço da verdadeira vida”? Recuemos alguns passos para acompanhar as idéias de Martin Buber. No mistério da vida e dos mundos que os homens criam e em que vivem e se relacionam, existem duas palavras fundadoras de todas as interações possíveis. Elas não são palavras simples, como “eu” ou “tu”, ou “você”. Elas são pares de palavras e existem somente como e enquanto um par: EU-TU (que Buber sempre grafa com maiúsculas) ou EU-VOCÊ *versus* EU-**ISSO** (idem).

No acontecimento, ao mesmo tempo humano e social do *encontro* entre pessoas, o oposto do TU, como meia-palavra dirigida a uma pessoa, não é ELE, mas é **ISSO**, outra meia palavra. Pois o TU traduz a pessoa de um outro posta em *relação*

² Martin Buber, ***Eu e Tu***, página 6. O livro essencial de Buber foi publicado originalmente pela Editora Centauro, de São Paulo. Tenho comigo a 5ª edição revista, mas misteriosamente sem indicação de data. O livro foi traduzido e é antecedido de uma longa e importante introdução, por Newton Aquiles von Zuben. Martin Buber foi nos anos sessenta uma leitura fundamental, inclusive em Paulo Freire. Possui vários outros livros traduzidos para o Português, sobretudo pela Editora Perspectiva.

³ Buber, op. Cit. página 10.

comigo em um *encontro* intersubjetivo. Um *encontro* vivido como uma *relação* EU-TU, porque nada o motiva a não ser a vivência de um outro diante de mim, em sua plena subjetividade. Qualquer intenção de proveito, qualquer medida do outro, por pequena que seja, como uma utilidade para mim, expulsa-o de sua plenitude de sujeito em nossa *relação*. Torna-o um ISSO, como uma coisa em um acontecimento relacional regido pelo interesse e pela utilidade. Exila-o do TU ao ISSO, na mesma medida em que EU mesmo também me exilo do TU, sujeito de mim mesmo, e retorno a ele – o meu outro objetivado - como um outro ISSO. Como um outro sujeito-objeto submetido ao primado do proveito, em lugar da gratuidade. O *acontecimento* humano de um *encontro* entre pessoas, realizado como uma *relação* torna-se, em suas inúmeras e diferentes medidas, o acontecer de uma *experiência*.

Toda a pesquisa envolve uma ou mais experiências, pois o que justifica a pesquisa é o seu proveito. É o teor demonstrável de sua utilidade. Boa parte do que escrevemos em um *projeto de pesquisa* destina-se a demonstrar que partimos de idéias plausíveis, confiáveis e, se possível, inovadoras em alguma medida. Outra boa parte destina-se a demonstrar que não apenas partimos de “boas idéias”, mas estamos preparados para realiza-las como alguma forma de prática, através de uma também confiável metodologia. E uma outra boa parte destina-se a demonstrar que, além de tudo (ou no começo de tudo), o que pretendemos realizar, construir ou descobrir é também útil. E a importância crescente que os órgãos de fomento à pesquisa e os seus avaliadores têm atribuído à “aplicabilidade” e à “utilidade” de uma pesquisa ajuda a tornar evidente o domínio do valor instrumental sobre qualquer outra coisa.

Toda a pesquisa aspira a ser útil, mesmo aquela que um poeta realiza antes de começar a escrever o seu novo livro de poemas. Mesmo a “pesquisa pura” de algum modo sonha ser também “aplicada”. Toda a investigação científica deve servir a algo, deve ser útil. Deve tornar-se objeto de proveito: da ciência, ou de uma ciência; de uma teoria científica (com ou contra as “outras”); de uma escola ou confraria de cientistas (vide Bourdieu e Kuhn, entre outros); de um par de pessoas chamado eu-e-meu-orientador; de mim mesmo, quando através dela aumento o meu saber, melhor a qualidade de minhas aulas, ou sou promovido de “mestre” a “doutor”; de uma fábrica de remédios, de uma empresa multinacional interessada em proliferação de armas químicas para a agricultura; de uma macro-empresa de armas de guerra; de uma organização não-governamental devotada a causas ambientalistas; de uma comunidade de pescadores; de um movimento popular; de... E normalmente

esses e outros destinatários dos proveitos e das utilidades das pesquisas, das tecnologias e ciências que as abrigam e originam, ora se excluem, ora se contrapõem, ora se somam.

Sabemos que a progressiva passagem nas ciências humanas e sociais, do domínio das abordagens e estilos mais impessoais, objetivos e quantitativos, para os mais interativos, intersubjetivos e qualitativos, tem a ver não apenas com questões teóricas, políticas, técnicas e metodológicas, embora em alguns livros sobre o assunto esta pareçam ser as únicas ou as principais dimensões nas mudanças que ocorreram e seguem acontecendo. Por debaixo de todas elas existe uma questão que é propriamente ética e, mais do que apenas ética, é humanamente afetiva e afetivamente relacional. E sem temor de dúvidas, ela é a mais importante entre todas, e deveria ser aquela em nome da qual todas as outras razões – inclusive as estratégias e as financeiras – seriam pensadas e equacionadas.

A pesquisa *entre-nós* (EU-e-TU), logo, a investigação interativa (entre duas pessoas) e intersubjetiva (entre duas pessoas que se colocam uma par a outra como sujeitos de si mesmos, de suas vidas, suas idéias, memórias e destinos), e eu aqui e ali se disfarça de ser apenas metodologicamente “qualitativa”, devolve a mim e a você a confiança em nós. Já não são mais os instrumentos neutros e objetivos de uma experiência mensurável, o que se interpõe entre nós, mas somos nós e nossos atributos de ser, viver, sentir e pensar o que temos para viver a busca da *relação* que gera uma outra qualidade de sentidos, saberes e significados. E não porque ela é teórica ou tecnicamente mais aberta e sensível, mas porque ela resulta da dissolução de um par EU-ISSO, que coloca diante um do outro um eu sujeito *versus* um tu ou você tornado um isso, como meu objeto de minha experiência, em um par EU-TU, que se abre a um *encontro* de nós dois, sujeitos um para o outro ao buscarem construir em um momento de uma pesquisa, uma autêntica *relação*. O acontecer de uma *relação* plena ou, pelo menos, a sua maior aproximação possível..

Quando pensamos porque toda a pesquisa realizada em campos como a educação, a psicologia, a antropologia, a sociologia, a ação social, é sempre limitada e nos oferece somente frações precárias e parciais de conhecimento sobre o que quer que seja (e este “qualquer” quase sempre é uma pessoa, são pessoas, famílias, grupos sociais, sistemas de saberes e de símbolos de vidas pessoais ou sociais), atribuímos a isto razões de novos metodológicas, teóricas, lógicas e epistemológicas. Elas sempre nos ajudam a compreender o teor de nossos próprios limites do pensar e do saber derivados do trabalho científico. E as crescentes novas críticas provenientes

dos precursores de paradigmas emergentes no campo das ciências e das práticas sociais, multiplicam a consciência de estamos sempre às voltas com fragmentos de compreensões e interpretações científicas efêmeras e limitadas. Com explicações científicas de campos da realidade que valem apenas em sua vocação de se disporem ao diálogo com outras diversas e divergentes visões. A menos que se seja prepotente ou fundamentalista o bastante para se que apenas por parecerem consistentes e bem fundamentados, as “minhas” (as da confraria do saber à qual aderi por algum tempo ou há muito tempo) são as únicas válidas, ou são as mais acertadas.

Mas podemos agregar a todas as explicações propriamente científicas a respeito de nossas próprias falhas e lacunas uma outra. Uma outra explicação que justamente por ser menos científica poderia ser mais explicativa aqui. Ela é de novo humana e relacional, quase ontológica, e outra vez é em Martin Buber que eu me apoio para trazer-la a este momento de nosso diálogo. Não conseguimos apreender mais do que frações parcelares das pessoas, grupos humanos, comunidades ou culturas que estudamos em parte porque o âmbito em que elas e eles se movem é sempre muito mais amplo do que o círculo de compreensões de nossos modelos e sistemas de explicação. Nunca abarcamos mais do que alguma parte da casca que envolve a realidade do ser, do viver, do sentir, do lembrar, do pensar e do agir de uma pessoa porque quase nunca conseguimos nos relacionar com ela como uma pessoa. Aquele a quem estendemos apenas o interesse de nosso saber pelo saber dele, e a quem, por mais respeitosos e pessoais que sejamos, sempre de algum modo objetivamos em nome de nossos proveitos e interesses, não nos pode oferecer mais do que a sua pálida e fracionada face de objeto. Todo o ser de uma *experiência* sujeito-objeto, que não alcança ser ou que se nega a ser uma *relação* entre subjetividades, apenas pode revelar, entre um e outro no acontecer da pesquisa, e entre quem “conduziu a pesquisa” e quem será depois convidado a ser um seu interlocutor, mais do que fragmentos e exterioridades. Relatos transformados em relatórios, onde palavras como: “produto”, “produtos esperados”, “resultado obtidos”, objetivamente revelam a submissão do trabalho científico ao ideário do utilitário dos negócios e de seus proveitos. Você já reparou como verbos tais como: “criar”, “descobrir”, “inventar”, “interpretar”, “dialogar”, e outros de igual teor vão sendo substituídos por equivalentes como: “produzir”, “desconstruir”, “inventariar”, “sistematizar”, “debater”?

Pois de uma *experiência* em que me aproprio de um outro segundos os moldes de meus projetos e proveitos, só posso obter a imagem devolvida por um outro a mim mesmo, e em que acabo vendo e lendo a figura de meu próprio rosto no espelho que ele volta a mim, como a me dizer que isso é tudo o que resta de quem não soube ver e ver-se na difícil transparência única do olhar de um outro. Eis o dilema: entre EU e um outro, um TU, é tudo ou nada. E não se trata apenas de perguntar pragmática, política e eticamente a quem se destina o proveito do produto de uma pesquisa. Trata-se de perguntar ética e afetivamente como deve acontecer o momento humano único em que de um, lado e do outro pessoas vivem o processo da pesquisa.

- *Que experiência pode-se então ter do TU?*
- *Nenhuma, pois não se pode experienciá-lo.*
- *O que então se sabe a respeito do TU?*
- *Somente tudo, pois, não se sabe, a seu respeito, a nada de parcial⁴.*

Mas, apesar de assim ser, daqui em diante tudo o que estivermos dialogando tem a ver com o desafio de vivermos a criação de saberes confiáveis, proveitosos e solidários através de situações de pesquisa que o tempo todo estejam procurando o equilíbrio possível entre a *experiência* necessária ao avanço do conhecimento científico e a *relação* indispensável a torná-lo não apenas algo útil e confiável como um produto do saber (não raro a serviço de algum poder) mas alguma coisa humanamente significativa e proveitosa, como uma criação do espírito humano e de sua capacidade – sempre precária, mas sempre aperfeiçoável - de compartilhar e partilhar tudo o que ele cria através da relação generosa e gratuita entre sujeitos, em lugar de apropriar-se e privatizar o que ele produz através de experiências em que você precisa ser tornado um meu objeto, para que eu possa saber algo a seu respeito.

As idéias tomadas até aqui são de propósito radicais e segui-las ao pé da letra talvez torne inviável o próprio trabalho do pesquisar. Tomei a questão do *relacionamento interativo* na criação de conhecimentos e o acontecer do *encontro*,

⁴ Martin Buber, op. cit. página 12.

entre os pólos “buberianos” da *relação* ou da *experiência* entre pessoas como o seu maior desafio. Também muito a propósito e de uma maneira que poderá a muitos ter parecido descabida, quis começar convocando pedra e animais a que viessem nos dizer, mas pela voz de interlocutores humanos os mais respeitáveis no mundo das ciências, como até nas conexões entre nós e elas (pedras) e eles (animais) questões de reciprocidades e de respeitos até pouco tempo atrás impensáveis, hoje em dia tornam-se não só nada descabidas, como até mesmo o anúncio do que há de vir a nós, dentro de fora do mundo das ciências de agora em diante.

No âmbito da pesquisa humana e social vários caminhos têm sido buscados ontem e hoje. Aquilo a que aprendi a emprestar o nome amplo e vago de *pesquisa participante* é apenas um entre outros. Um entre tantos e somente válido como um caminho que antes de chegar ao seu destino (se é que isto existe), atravessa outros e converge com outros.